

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**MULHERES DE FIBRA EM TEMPOS DE JUTA: RELAÇÕES DE GÊNERO E
TRABALHO NO MUNICÍPIO DE URUCARÁ-AM¹**

Geize Vieira de Almeida²
Júlio Cláudio da Silva³

RESUMO: O presente artigo é resultado de uma pesquisa em História Oral, que busca realizar uma História das Mulheres que trabalhavam na juta no município de Urucará- Am. analisaremos estas mulheres como sujeitos da história, evidenciando suas memórias a partir da realização de entrevistas temáticas em torno do trabalho na juta, da divisão sexual do trabalho e do seu sistema comercial. Assim como suas percepções e rupturas na experiência de labuta com a fibra. A partir da Categoria Gênero analisamos o papel da mulher, na cultura da juta, assim como as desigualdades existentes entre os sexos nesta prática agrícola, pensando estas mulheres dentro do contexto histórico em que estão inseridas.

Palavras chaves: História das Mulheres; História Oral; Gênero; Juta; Urucará.

INTRODUÇÃO

As primeiras tentativas de introdução do cultivo da juta no Brasil, segundo Aldenor da S. Ferreira (2016), deram-se no início do século XX, no estado de São de Paulo e Rio de Janeiro, para suprir a necessidade de sacarias para a exportação do café. Na região amazônica a juticultura se desenvolveu após a imigração japonesa, incentivada pelo governo estadual que

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina de TCC II, no Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas - Centro de Estudos Superiores de Parintins

² Acadêmica do 8º período do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas - Centro de Estudos Superiores de Parintins. E-mail: geizeV7@gmail.com

³ Professor adjunto do Colegiado de História da Universidade do Estado do Amazonas - Centro de Estudos Superiores de Parintins. E-mail: julio30clps@gmail.com

buscava através das políticas de concessão⁴ atrair investidores para a região que se encontrava em crise econômica após o declínio do ciclo econômico da borracha (FERREIRA, 2016).

Os imigrantes japoneses, após a primeira experiência de plantio que não correspondeu às suas expectativas, implementaram no município de Parintins um projeto de aclimatação da espécie *Corchorus Capsularis*⁵, realizado pelo colono japonês Ryoto Oyama. A juta se adaptou muito bem ao solo úmido das áreas de várzea da região do Baixo-Amazonas e logo se expandiram lavouras dos ribeirinhos que se apropriaram deste novo tipo de produção, fazendo assim com que esta modalidade agrícola se configurasse como importante fonte de renda para as famílias ribeirinhas (HOMMA, 2011).

Situado na região do Baixo-Amazonas, o município de Urucará, fundado em 1814, pertencente a microrregião de Parintins⁶, à 259 km da capital do estado, com área territorial de 27.905 km², com população, segundo o IBGE⁷ de 2015, de 17.094 habitantes. Suas terras de várzeas são propícias para a atividade camponesa e o cultivo da juta, que apesar de se configurar em uma prática agrícola que requer muito da força de trabalho e em ambiente inóspito, o plantio desta fibra teve bastante aceitabilidade entre os agricultores do município, devido a sua valorização neste momento e significou importante produto para a economia local (SERRÃO, 2018).

Pretendemos realizar uma pesquisa que vá além da descrição do que foi esse ciclo e seu impacto social, mas a partir da chamada “Nova História”. (BURKE, 1992) que surge em contraponto a História Tradicional. Adotamos para a realização deste artigo a perspectiva da História Vista de Baixo, que amplia os limites da disciplina, abre novas áreas de pesquisa e acima de tudo, nos permite explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada (SHARPE. p. 41. 1992)

Dessa forma, buscamos compreender o que foi o cultivo da juta, a partir das perspectivas femininas, apresentando assim as mulheres como sujeitos históricos, agentes ativos que contribuíram diretamente nesta atividade e nos limitando ao lócus do município de Urucará.

Realizamos uma história das mulheres no trabalho da juta, iluminando os papéis

⁴ Segundo Ferreira (2016), a política de Concessão foi uma prática de políticas públicas realizadas pelos estados do Amazonas e Pará, na qual o governo fazia a doação de grandes áreas de terras para estrangeiros com o objetivo de atrair investimento para região e assim manter uma relações comerciais com estes países. Todavia esta política anulava a existência de populações indígenas nessas terras que eram consideradas inabitadas.

⁵ Nome científico da juta.

⁶ Município do interior do Amazonas, com área territorial de 5.952km² fundada em 15 de Outubro de 1796, pertencente a mesorregião centro Amazonense e micro região Parintins, distante 369km² da capital, atualmente com 102.033 habitantes, segundo mais populoso do Amazonas (IBGE, 2015). www.ibge.gov.br. Acesso em 08 de Agosto de 2018. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/urucara/historico>

⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

femininos dentro desta cultura, e a divisão sexual do trabalho. Analisaremos estes sujeitos dentro de seu contexto histórico, a partir da categoria de Gênero. Esta categoria nos permite realizar uma análise sobre as desigualdades estabelecidas entre homens e mulheres, a construção histórica das relações de poder que delimita a atuação feminina na sociedade (SCOTT, 1991), (SCOTT, 1992), (SOIHET; PEDRO, 2007) bem como no processo de cultivo e comércio da juta.

Como metodologia de pesquisa, recorreremos a História Oral (MEIHY; HOLANDA. 2011) que nos permite trazer à visibilidade os relatos e memórias (MOTTA. 2012) deste sujeitos, através de entrevistas direcionadas para nossa temática, buscando compreender o trabalho na juta, a divisão sexual do trabalho e as percepções destas mulheres ao que tange a suas experiências com o trabalho na juta e as rupturas em sua vida.

Sendo assim, este artigo está dividido na seguinte maneira: primeiramente buscamos realizar uma discussão teórica e metodológica acerca de história oral, apresentando sua origem enquanto metodologia, discutimos sobre memória e como a mesma é o objeto de pesquisa em história oral e discutimos também sobre História do Tempo Presente que é por excelência o campo da História Oral, bem como sua utilização para realização de nossa pesquisa

Na segunda seção realizamos uma reflexão sobre a história das mulheres e seus primórdios ligados ao Movimento Feminista, como a mesma contribui para quebrar com o paradigma de uma história tradicional que exclui a ação feminina e explicitamos sobre categoria Gênero como fator teórico para se entender as desigualdades estabelecidas entre os sexos que impõem um paradigma para a ação da mulher na sociedade e discutimos acerca de sua contribuição para se entender o trabalho da mulher na juta.

Na terceira seção apresentamos nosso sujeito da pesquisa que e apresentamos, de uma maneira mais geral, o que foi o trabalho na juta. No quarto tópico discutimos sobre a divisão sexual do trabalho na juta, as atividades desenvolvidas por todos, tanto homem, mulher ou criança, o trabalho realizado só por homens ou mulheres. Posteriormente na quinta seção, elucidamos também sobre o lugar da mulher no sistema de comércio da juta, sistema este que conhecemos como aviamento.

Na sexta seção, refletimos sobre as percepções destas mulheres sobre sua experiência de trabalho com a juta, as percepções de rupturas, buscando descrever a labuta diária enquanto adolescentes e após o casamento e a maternidade, trazendo a suas visões acerca destas rupturas. Concluimos a discussão textual ressaltando a importância de historicizar a mulher dentro deste contexto amazônico, elucidando a importância de sua atuação naquela sociedade e como a categoria gênero se faz indispensável nesta análise histórica.

HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA

A História oral é uma metodologia de pesquisa importante para a realização de pesquisa em História e consiste na gravação de entrevistas. A entrevista produzida em História Oral constitui fontes para análise no estudo, após seu arquivamento podem contribuir para futuras pesquisas, como define Verena Alberti:

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2011, p. 155)

Assim como toda pesquisa, a História Oral, enquanto metodologia, necessita da elaboração de um projeto, pois como ressalta Meihy e Holanda: “Não se trata apenas de um ato ou procedimento único. História Oral é a soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto” (2011. p. 15). Neste conjunto de procedimentos que engloba toda a execução do projeto, o mesmo deve prever o planejamento e roteiro da entrevista, a realização da mesma, transcrição, arquivamento e divulgação.

Com o surgimento da História oral que abriu um extenso campo de possibilidades de pesquisas, podemos nesse âmbito assim elucidar outros sujeitos históricos outrora ignorados pela História Tradicional. Através destes depoimentos, as trajetórias individuais e coletivas de grupos considerados excluídos, como analfabetos, miseráveis, rebeldes, crianças, mulheres, movimentos sociais populares, lutas cotidianas, assim como eventos ou processos históricos que não tem como ser elucidados de outras formas, se não a partir da metodologia da História Oral (FERREIRA, 2012. p. 171).

Sabendo que a História Oral tem como fonte as narrativas de determinados sujeitos e que a mesma consiste nas entrevistas destes em um diálogo que norteia um assunto relacionado a um processo, conjuntura ou trajetória, do qual o historiador resgata os acontecimentos vividos pelo entrevistado que possuem lembranças deste passado. Podemos assim perceber que neste processo que se dá ao entrevistar estes sujeitos, o historiador através de suas perguntas instiga as memórias e as registra, constituindo assim as fontes de estudo.

As memórias de determinados sujeitos ou grupos podem ser importante para o historiador entender e analisar as diversas visões de determinados processos, assim como as percepções dos sujeitos ou grupos em relação conjuntura, ou evento estudado. Contudo devemos perceber que História e Memória não são sinônimos, pois como destaca Pollack a

respeito da memória que a mesma é um elemento que se constitui a identidade.

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si. (POLLACK, 1992. p. 204)

A memória é resultado de uma organização e seleção do que é importante para o sentimento de unidade ou de pertencimento de uma pessoa ou determinado grupo. A História para se constituir necessita da crítica e de problematização. Contudo a história não ignora que as “memórias são fontes históricas, pois elas nos ajudam a identificar o que tem sido lembrado, recordado por um ou vários grupos sociais. É possível identificar a permanência de uma determinada leitura sobre o acontecimento” (MOTTA, 2012. p. 26). Assim para o historiador que adota a metodologia da História Oral, as memórias são fontes para se constituir análises históricas.

Sabendo que memória a partir da entrevista realizada entre o diálogo de entrevistador e entrevistado, tornar-se-á documento para a História Oral, o que nos faz perceber que a origem deste documento se dá quando os sujeitos desta pesquisa ainda são testemunhos vivos e que convivem na mesma temporalidade que a discussão histórica está sendo desenvolvida, sendo assim a História Oral genuinamente uma História do próprio tempo em que se vive, o tempo presente.

A história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e de reflexão histórica; na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes, e a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes; a narrativa, a forma de construção do e organização do discurso são valorizadas pelo historiador (FERREIRA, 2012. p. 172)

Para realização da pesquisa adotamos a História Oral Temática, elaborando um roteiro de entrevista, cujo tema gira em torno do trabalho no cultivo da juta (MEIHY; HOLANDA, 2011, p 19). Buscando assim compreender o papel da mulher nesta atividade, a divisão sexual do trabalho e suas memórias e percepções com o cultivo da juta e as rupturas de suas vidas.

Realizamos entrevistas com seis senhoras que durante o período do recorte temporal da pesquisa trabalharam juta, porém para construir esta discussão textual, selecionamos as entrevistas de três pessoas, do qual seus relatos se fazem importante para nossa narrativa.

Entre os colaboradores entrevistados, selecionamos a entrevista da senhora Josefina Pereira Coelho, hoje com setenta e oito anos, agricultora aposentada, nascida no município de Urucurituba em 10 de Janeiro de 1939, trabalhou durante o período da juta com sua família em suas terras situadas no município de Urucará. Contamos também, para a elaboração da presente discussão, com os relatos do Cacilda Viana de Souza, setenta e sete anos de idade na época da entrevista, nascida em 27 de Fevereiro de 1940, filha de Manoel Fernandes Viana e Maria Antônia dos Santos, agricultora aposentada, e urucaraense, e o senhor Eduardo de Castro Viana, oitenta e dois anos de idade, nascido em 07 de Julho de 1934, filho de Manoel de Souza Medeiros e Emília Castro da Gama, agricultor aposentado e urucaraense.

Apesar de termos como objetivo da pesquisa às memórias das mulheres, incluímos na discussão o relato do senhor Eduardo, pois o mesmo nos surpreendeu em sua narrativa ao relatar por outro viés o motivo de um determinado acontecimento, que discutiremos posteriormente, que se faz importante para perceber as relações de gênero na prática comercial da juta.

Buscamos realizar nossa análise seguindo as problemáticas propostas pelo projeto, tentando responder as seguintes questões: como se estabelecia a divisão sexual do trabalho? Quais eram as percepções sobre suas experiências no cultivo da juta, assim como as percepções de rupturas em suas vidas em relação ao trabalho? Realizamos também uma análise acerca do sistema comercial da juta, fator este que inicialmente não constava como objetivo deste projeto, mas que se fez persistente nas memórias de nossos sujeitos e está diretamente ligado a cultura da juta e se faz importante para elucidar as relações de gênero, do qual discorreremos em nosso texto.

HISTÓRIA DAS MULHERES E GÊNERO

A priori, a escrita da história esteve centrada em historicizar os grandes acontecimentos, dando ênfase à chamada história dos grandes homens e seus feitos, que privilegiavam determinadas classes sociais e categorias em detrimento às outras. Esta prática historiográfica conseqüentemente pôs à margem da história muitos sujeitos (BURKE, 1992), assim como a mulher que se manteve oculta na dita história oficial.

A mulher enquanto sujeito histórico manteve-se por muito tempo excluída da historiografia, esporadicamente representada na escrita da história em seu cotidiano, restrita ao ambiente familiar ou como representação da sexualidade feminina e como argumenta Margareth Rago “essa visão está associada, direta ou indiretamente, à vontade de direcionar a mulher à esfera da vida privada” (RAGO, 2013. p. 585). As trajetórias de vida, a inserção da

mulher nos processos históricos e sociais, o trabalho, as lutas, organizações e entre outros, mantiveram-se ocultas da história escrita, guardadas na memória, nas *vozes do silêncio*⁸.

Nas últimas décadas as mulheres passaram a ocupar o espaço público, o mercado de trabalho, as universidades e se organizar nas lutas do Movimento Feminista que reivindicavam mais visibilidade e direitos iguais em relação aos homens. O Movimento Feminista traz assim sua grande contribuição para historiografia, marcando a emergência da História das Mulheres, que botava então a mulher enquanto sujeito e objeto da História, com papéis de protagonismos importantes aos processos históricos (SOIHET; PEDRO. 2007).

Inicialmente a história das mulheres buscava inserir na História as mulheres como objetos de estudo e sujeitos da História. Buscando destacar suas lutas e problemáticas, o trabalho feminino, as atuações femininas na sociedade, bem como suas formas de organização e resistência dentro do sistema patriarcal ao qual estavam inseridas (SCOTT, 1992).

Este primeiro momento da história das mulheres ficou conhecida como história feminista, uma história de militância que buscava corrigir ou suplementar um registro incompleto do passado que privilegiava o homem enquanto sujeito histórico e marginalizava ou silenciava as mulheres e sua atuação. Mas como destaca Raquel Sohiet e Joana Maria Pedro, em seu trabalho intitulado “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”, onde as autoras fazem uma reflexão sobre os limites de abordagem da história das mulheres,

Demonstrados os limites das abordagens descritivas que não questionam os conceitos dominantes no seio da disciplina ou, pelo menos, não os questionam de forma a abalar o seu poder e talvez transformá-la. Assim não seria suficiente aos historiadores das mulheres provar que elas tiveram uma história ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental (SOHIET e PEDRO, 2007. p. 289).

Podemos perceber que a história das mulheres dentro da História não alcançou as perspectivas esperadas pelos historiadores deste campo, não se teve uma mudança social concreta no que tange às desigualdades entre homens e mulheres. Teoricamente a história das mulheres não conseguiu analisar a problemática das posições sociais inferiores que as mulheres tomavam e sua persistência. Dentro destas lacunas que somente a história das mulheres não conseguem preencher, surgiu a Categoria Gênero.

O termo Gênero surgiu inicialmente enquanto uso da palavra, entre as feministas

⁸ PRIORE, Mary Del. História das Mulheres: As vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cesar de. (Org.) Historiografia brasileira em perspectiva. 7 ed. 1º reimpressão. São Paulo: Contexto. 2014.

americanas que questionavam o caráter fundamentalista social das distorções baseadas no sexo, a palavra gênero seria então um indicativo à rejeição ao determinismo biológico que influenciava para a definição dos papéis sociais designados as mulheres e homens. Buscava-se também acentuar o aspecto relacional das definições normativas impostas pela sociedade sobre o que representa feminilidade (SCOTT, 1991. p. 01).

Dentro da pesquisa em História, a categoria gênero que frequentemente é associado a história das mulheres, trouxe significativa contribuição para preencher as lacunas que a abordagem sobre história das mulheres não conseguia responder a respeito da persistência das desigualdades entre os sexos. A historiadora Maria Izilda S. de Matos, destaca a importância da categoria gênero na análise em história a partir de sua característica relacional.

Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino define-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados. (MATOS, 2000. p. 16).

Nos apropriando assim da categoria de gênero para realizar uma análise em história, poderemos refletir como as desigualdades existentes entre homens e mulheres são construções históricas e sociais, que conseqüentemente definem parâmetros para os papéis da mulher e do homem na sociedade, buscando entender que “A dimensão política das relações entre masculino/feminino está na noção do público, portanto, numa reflexão sobre o civil, o econômico e o próprio político, sem abstrair a importância do privado” (COSTA, 2003, p. 188).

Sabendo que para realizar uma análise em história é necessário além da empiria se apropriar de teorias para então interpretar o passado, recorreremos ao conceito de Gênero, categoria esta que tem sido muito discutida na historiografia contemporânea, associada principalmente às discussões que refletem sobre as mulheres.

A partir da categoria gênero buscamos entender o papel da mulher no trabalho da juta, como esta organização de trabalho a partir de suas redes sociais, culturais e históricas constituem sua identidade, a partir da relação com o outro. Procuramos também, no conceito de gênero entender as desigualdades na divisão de trabalho entre mulheres e homens, pensando-os em seus contexto histórico, social e cultural, no qual se constituem enquanto sujeitos, bem como as percepções que estas mulheres tinham de si nesta atividade.

AS EXPERIÊNCIAS NO TRABALHO DA JUTA

Como fio condutor para nossa discussão a respeito do trabalho da juta, a divisão sexual do trabalho, o (não) lugar da mulher no sistema comercial da juta (o sistema de aviamento) e suas percepções sobre o cultivo da juta e as rupturas em suas vidas, nos orientamos pelo relato oral de dona Josefina Pereira Coelho. Nossa colaboradora nasceu em 10 de Janeiro de 1939, na época da entrevista contava com 78 anos de idade, há 28 anos viúva de seu marido, Mair Vieira Coelho, com quem teve seus 11 filhos: Osilene Vieira Coelho, Ozete Vieira Coelho, Onete Vieira Coelho, Otilia Vieira Coelho, Osiley Vieira Coelho, Maria Vieira Coelho, Manoel Vieira Coelho, José Vieira Coelho, Assis Vieira Coelho, Jason Vieira Coelho e Artêmis Vieira Coelho.⁹

Assim como seus pais, Domingos Antônio Pereira e Elena Marques Pereira, nasceu no município de Urucurituba – AM, aos 11 anos de idade, após o falecimento de seu pai em 1950, mudou-se para a zona rural do município de Urucará – AM, para morar com seus avós maternos Francisco Marques Coelho e Joana Viana Pereira. Dona Josefina cresceu junto com outros primos e tios e neste município construiu sua vida, conheceu a rotina do trabalho com a juta, casou, teve filhos e netos, e reside atualmente¹⁰

Segundo Dona Josefina, o cultivo da juta é um trabalho que requer muito sacrifício e oferece muitos riscos, pois para se plantar a fibra é necessário abrir um roçado na qual se corta a vegetação do local, é preciso tomar cuidado para não se cortar com o terçado ou ser picado por algum animal. Neste trabalho, a pessoa fica exposta por horas ao sol, após a abertura de roçado havia a queimada em que é necessário tomar o cuidado para o fogo não tomar proporções maiores e acabar causando danos. A colheita da fibra se dava com um objeto altamente cortante que precisava de cuidados para não cortar a si próprio ou outra pessoa, O ambiente úmido no qual se cortava a juta, também oferecia riscos à saúde do agricultor e o deixava exposto ao ataque de animais.¹¹

O plantio da juta se dava de acordo com a vazante do rio, seguindo o cronograma do tempo climático, pois o beiradão do rio Amazonas onde se realizava essas plantações são áreas de várzea e uma vez no ano tem suas terras cobertas pelas águas. No mês de Setembro que para a região é verão e as terras de várzea estão secas e os juticultores trabalhavam na abertura do

⁹ COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am;

¹⁰ *Idem.*

¹¹ *Idem.*

roçado, neste momento se limita o total de espaço a qual irá se realizar a plantação e se faz a derrubada da vegetação, posteriormente é realizada a coivara, do qual se junta todos os troncos e galhos de árvores que foram derrubadas e se põem para secar, e depois de secas se faz a queimada.¹²

No mês de dezembro iniciava o processo de plantação das sementes da juta. Para que a mesma pudesse desenvolver e crescer bastante, era necessário que as plantasse de acordo com determinado espaço entre um pé e outro. Plantava-se sementes de juta por todo o espaço delimitado pelo roçado. Este processo poderia durar dias ou semanas, dependendo da extensão de terra a qual se faria a plantação.¹³

Após o plantio das sementes, o agricultor deveria apenas limpar o roçado para que outras plantas não emergissem juntamente com a juta. Esperava-se aproximadamente quatro meses para realizar o corte da fibra, dependendo do seu tamanho, quando a mesma já tinham mais de 2,5 metros ou mais, ou da condição da enchente das terras, em geral se iniciava o processo de corte no mês de Abril.¹⁴

O corte da juta geralmente se dava com a planta já com parte do seu caule dentro da água. O julticultor ficava por horas com parte do corpo imerso nas margens do rio cortando a fibra com uma foice¹⁵. Quando a ferramenta desamolava era preciso utilizar o esmeril¹⁶. Assim estes dois instrumentos eram essenciais para o trabalho na hora do corte. Em seguida ao corte, juntavam-se as fibras em feixes e as afogava no rio mantendo um peso em cima para que ficassem dentro da água, os feixes ficavam neste processo de molho por aproximadamente oito dias para que as mesmas ficassem molhes para desfibragem.¹⁷

A desfibragem é a retirada da fibra do caule da planta para as lavar, este procedimento também acontece dentro da água e com a planta molhada, fazendo assim com que as mãos dos julticultores fiquem engelhadas com tanta umidade e também adquirem o odor característico da juta após dias de molho. Depois da desfibragem e a lavagem das fibras, era chegado o momento de enrolar as fibras para botar para secar.¹⁸

Segundo dona Josefina, quando as fibras estavam enroladas eram postas em um varal para secar, estes varais eram feitos pelos agricultores com estacas e podiam alcançar enormes

¹² COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am

¹³ *Idem.*

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ Ferramenta cortante feita de metal utilizado para práticas agrícolas.

¹⁶ Pedra mineral utilizada para amolar ferramentas.

¹⁷ COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am.

¹⁸ *Idem.*

extensões, como a juta era característica de uma agricultura familiar, tanto o roçado quando o varal ficavam nas proximidades da casa em que residiam a família. O varal era feito na frente ou nas laterais da casa, o roçado geralmente ficava para trás, devido ao fenômeno de terras caídas que acontecem no rio Amazonas e impossibilitam que seja realizado em frente à casa e às margens do rio Amazonas¹⁹

Quando as fibras já se encontravam secas e sem nenhuma umidade, começavam o enfardamento, era necessário esticar bem as fibras para enfardar, ir fazendo rolos, cada rolo podia ter a partir de trinta quilos até setenta. Ao término do enfardamento em que a juta já se encontrava pronta para o transporte, o agricultor ia avisar seu patrão com quem fez o financiamento da juta para que fosse buscar e acertar a dívida contraída, quando possível receber seu lucro e o patrão levar a juta para vender em Parintins,²⁰ pois Urucará escoava toda sua produção de juta para este município.²¹

A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

O estudo das relações de gênero, como destaca Maria Izilda S. de Matos, pressupõem uma análise criteriosa sobre o conceito da diferença, a partir da categoria gênero podemos entender com maior clareza as desigualdades existentes entre homens e mulheres na divisão sexual do trabalho e nas responsabilidades familiares e papéis sociais (MATOS. p. 32. 2000).

Hildete Pereira de Melo e Débora Thomé, discutem em “Mulheres e o mundo do trabalho” em sua obra “Mulher e poder, as autoras ressaltam que na sociedade moderna, calcado dos valores do patriarcado, há uma divisão sexual do trabalho no qual existem trabalhos de homes e outros de mulheres e que o trabalho dos homens vale mais do que o das mulheres (MELO; THOMÉ. 2018).

A partir da narrativa oral de dona Josefina Pereira Coelho, 78 anos de idade quando realizada a entrevista, a qual tomamos como fio condutor de nossa discussão textual, procuramos verificar a divisão sexual do trabalho na juta. Buscamos explicitar o trabalho realizado por homens e mulheres, o trabalho realizado somente por homem e somente por mulheres, assim como o trabalho das crianças.

¹⁹ A sede do município situa-se no Paraná de Urucará, mas as áreas de várzea em que se cultivava a juta situava-se às margens do Rio Amazonas (SERRÃO, 2018).

²⁰ COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am.

²¹ SERRÃO, Arenilton Monteiro. Colônias agrícolas e campesinato: raízes de uma territorialidade no Médio Rio Amazonas, Município de Urucará-Am/ Arenilton Monteiro Serrão. 2018.

Segundo dona Josefina Pereira, as crianças iniciavam muito cedo no cultivo da juta. A mesma recorda que aos 9 anos de idade já começou ir para roçado para realizar pequenas tarefas, como ajudar a limpar as ervas daninhas que se espalhavam pelo jutal. Era necessário que as crianças também fossem para o trabalho da juta devido à grande quantidade de plantação e pouca mão de obra, fazendo assim com que toda a família se dedicasse a esta prática agrícola.²²

A agricultora aposentada Cacilda Viana de Souza, no momento da entrevista contava setenta e sete anos de idade, nascida em 1940. É casada com o senhor Eduardo Castro de Viana, oitenta e dois anos de idade, com quem teve sete filhos que também trabalhou com a juta. Em suas memórias a mesma recorda que nasceu em família de juiticultores, durante sua infância e até determinada fase de sua vida adulta sobreviveu do cultivo da juta no município de Urucará, e nos fala sobre como precocemente entrou para a labuta da fibra pela pouca condição de seus pais e que este foi um dos motivos pelo qual não pôde estudar.²³

Eu lembro que com dez anos eu já trabalhava na juta com meu pai, minha mãe e meus irmãos, a gente ainda não fazia o trabalho pesado mesmo mas já ajudava e ajudava muito mesmo por que o papai não tinha condições de pagar trabalhador e então era nós mesmo. Por isso eu não estudei, não dava pro papai mandar nós pra longe pra ir estudar por que não tinha escola perto, só tinha na cidade e nós não podia ir pra lá por que o papai precisava da gente pra ajudar na juta, mas crescer lá aprendendo como trabalhar foi bom por que a gente já ia aprendendo pra quando fosse nossa vez de trabalhar por nossa família.²⁴

A partir do momento em que estas crianças ingressaram com sua família no cultivo da juta, as mesmas passavam a ter conhecimento sobre o plantio, colheita e os demais processos e esta rotina começa a fazer parte de seu dia a dia, e estes tomam para si esse conhecimento prático que posteriormente iriam utilizar quando fossem independentes e responsáveis pela sua própria plantação

O processo de abertura do roçado, como nos relata dona Josefina, todos os membros da família se faziam presente, tanto homem quando mulher e até as crianças. O corte da vegetação mais rasa é feita por todos, mas quando é necessário cortar uma árvore maior, os homens vão à frente com o machado cortar o tronco, enquanto as mulheres continuavam a desgallar as pequenas plantas. Ao se fazer o roçado, geralmente apenas a família participava, haja visto que as famílias ribeirinhas que cultivavam a juta eram bastante grandes, mas havia também a pratica

²²COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am

²³SOUZA, Cacilda Vianna. [06 de Junho. 2017]]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Santa Luzia, Urucará- Am.

²⁴*Idem.*

do *Puxirum* em que outras famílias vinham ajudar na abertura do roçado, tanto homens como mulheres e crianças, e posteriormente esta família que recebeu ajuda ia retribuir o favor quando esta outra fosse abrir seu roçado. Geralmente essas troca de trabalho entre famílias se dava por relações de amizade ou parentesco.²⁵

Para realizar a coivara, que era o momento de juntar todos os tronco, galhos e folhas secas que estavam no espaço que se iria fazer o plantio, todos participavam, tanto homens, mulheres e crianças. Após estar tudo amontoado, se esperava secar para fazer a queimada. Por preocupação dos pais, as crianças não participavam deste momento devido ao risco de queimadura, porém homens e mulheres trabalhavam igualmente e sempre atentos para que o fogo não tomasse proporções maiores e assim causasse algum acidente.²⁶

Em seguida à queimada, se esperava alguns dias para então iniciar o plantio das sementes. Para realizar este plantio necessitava-se uma técnica de espaço entre uma semente e outra, pois para que a juta desenvolvesse boas plantas, não se podia plantar tão próximo e nem tão distante de um pé e outro. Dona Josefina nos conta que este processo de plantio era realizado geralmente pelos homens, pois estes tinham conhecimento sobre a técnica de plantio da juta. Paralelo aos homens que estavam plantando a fibra, as mulheres com seus filhos cuidavam do plantio de outras plantações como a mandioca, o cará, o milho, a banana, as verduras e legumes que faziam parte de sua alimentação e de suma importância para a subsistência da família²⁷

Seu Eduardo de Castro Viana, que tinha oitenta e dois anos quando realizamos as entrevistas para nossa pesquisa, nasceu em 07 de Julho de 1934, no município de Urucará, casado com dona Cacilda Viana de Souza em suas memórias nos relata sobre essa divisão de trabalho na juta e na produção de gêneros alimentícios, como a macaxeira, o cará, milho, verduras, legumes e entre outro. Destacando que a pratica de cultivo realizada por sua esposa, dona Cacilda Viana, era de grande importância para a subsistência de sua família.²⁸

A Cacilda nem sempre ia comigo pra plantar as sementes ou cuidar do roçado, pra plantar ia só eu com os meninos, as vezes só eu, na época que a gente planta a juta é época boa de plantar também outras coisas e a Cacilda plantava, assim que saia as praias ela plantava. A Cacilda Plantava Milho, macaxeira, mandioca pra fazer farinha, cará, banana, tudo de verdura! Couve, tomate, pimenta de cheiro, maxixe...

Naquele tempo não tinha esse negócio de pão, era só coisa de natural que nós

²⁵ COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am

²⁶ *Idem.*

²⁷ *Idem.*

²⁸ VIANA, Eduardo de Castro. [06 de Junho. 2017]]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Santa Luzia, Urucará- Am.

tomava com café, banana, cará, frito de crueira, biju... e nós tirava tudo das plantações da Cacilda, hoje em dia nós compra até verdura, mas naquele tempo só plantava pra nós mesmo, pro nosso consumo e era tão bom que tudo tinha no nosso quintal e a gente nem gastava pra ter.²⁹

Nas narrativas de Josefina Pereira, a mesma também nos relata sobre esta mesma divisão e nos revela que os homens não se dedicavam tanto nestas práticas agrícolas, devido a esta atividade não ter retorno financeiro, pois estas eram plantações apenas para o consumo da família e não para serem comercializadas. Os homens então, dedicavam-se mais nas atividades da juta, do cacau ou da pesca por este representar significativos produtos que poderiam ser comercializados.³⁰

Durante os meses que se esperavam para que as mudas de juta crescesse e estivesse em um bom tamanho para o corte, tanto homens quanto mulheres se dedicavam a manter o roçado limpo de ervas daninhas e frequentemente realizavam limpeza no roçado. Aguardavam aproximadamente quatro meses para iniciar o corte e nesse espaço de tempo, os homens dedicavam-se aos cuidados da criação de gado, da colheita do cacau ou da pesca, enquanto as mulheres cuidavam de suas plantações, faziam farinha para estocar e aguardar o período de cheia, assim como a estocagem de milho e feijão de praia e suas sementes para esperar a próxima vazante.³¹

Aproximadamente a partir do mês de Abril, quando os pés de juta já se encontram em tamanho propício para o corte ou a água da enchente já começa a chegar ao roçado, iniciavam o processo de colheita, tanto homens quanto mulheres e às vezes até crianças se dedicavam no corte da fibra. Dependendo do nível e velocidade de enchente das águas, o corte da juta se dava mais acelerado para que os juticultores pudessem realizar todo o corte antes das terras de várzea estarem imersas nas águas.³²

O corte da juta, como destacou dona Josefina, é o pior momento desta atividade, pois muitas das vezes o roçado já se encontra dentro da água e se torna necessário que se esteja no úmido para realizar o corte da juta e neste momento da prática do corte, os deixava vulneráveis a ataques de animais como poraquê³³, cobras, arraias, pirarucu boia³⁴ e até jacarés. Aconteciam

²⁹ VIANA, Eduardo de Castro. [06 de Junho. 2017]]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Santa Luzia, Urucará- Am

³⁰ COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am.

³¹ *Idem.*

³² *Idem.*

³³ Nome popular dado a enguia, um espécie de peixe peculiar da Amazônia que seu corpo pode soltar descargas elétricas.

³⁴ Espécie de peixe carnívoro da região amazônica.

também acidentes com corte em pessoas, do qual ela mesma se cortava ou por descuido acabava cortando a outra pessoa que estava trabalhando junto.³⁵

Nossa entrevistada destaca como se enfrentava o período menstrual da mulher neste processo de corte e nos informa que mesmo estando dentro de seu ciclo menstrual, ela não deixava de trabalhar com a juta.³⁶

Quando nós estava nos nossos dias, nós não ia pro corte da juta por que era muito arriscado e mulher não pode estar no molhado quando tá menstruada, mas nós não parava, nesse tempo nós já estava dando jeito nos varal, arrumando pra abrir espaço para guardar a juta enrolada. Às vezes ficava amolando as foices, se não tava no fundo nós continuava cortando, não dava tempo nem de sentir dor, nós não parava não! Tinha que ser mulher de fibra mesmo pra aguentar.³⁷

Depois de realizado o corte e feito os feixes, botava a juta de molho, ela ficava de molho por cerca de dez a quinze dias até ficar mole pra desfibrar. Enquanto isso, devido à enchente, os juticultores se dedicavam a armar os varais que seriam estendidas as fibras, geralmente se aproveitava o varal da colheita anterior, dependendo no nível da água, era necessário que se fizessem marombas³⁸ para botar as criações de animais e até guardar a juta enfardada.³⁹

Após os dez ou quinze dias em que a juta já se encontrava mole, iniciava o processo de desfibragem. Toda família se dedicava nesse processo de tirar a fibra do caule, as mãos ficavam engelhadas e com o odor forte de juta apodrecida, o frio era constante e entre os homens era comum tomar algum tipo de bebida alcoólica para enfrentar o frio durante o corte e a desfibragem. Ao mesmo tempo que se desfibrava a juta, já iam se enrolando ela e amontoado para estender no varal para secar⁴⁰.

Dona Josefina relata que todo os membros da família, exceto as crianças pequenas e quem cuidava dos preparos da cozinha e casa, trabalhavam ativamente no processo de desfibragem e botar para secar. O varal dependia da quantidade de fibra colhida e todos cuidavam da fibra enquanto estava secando, tomando cuidado para que nenhum pedaço permanecesse úmido. As crianças muitas das vezes se divertiam nos varais, brincavam de se

³⁵ COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Uruará- Am.

³⁶ *Idem.*

³⁷ *Idem.*

³⁸ Construção de madeira em forma de piso suspenso feito pelos moradores das áreas de várzea em época de enchentes para botar suas criações ou produção.

³⁹ COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Uruará- Am.

⁴⁰ *Idem.*

esconder entre as colunas extensas do varal e corriam entre as fibras.⁴¹

No momento do enfardamento, depois de todos os feixes de juta estarem secos, todos também trabalhavam neste processo. Eram dias para se enfardar toda a juta seca; começavam logo ao amanhecer o dia e muitas vezes continuavam pela noite, pois em muitos casos precisavam cumprir prazo de entrega. Quando tudo já estava enfardado, o homem ia comunicar ao patrão que financiou a plantação para buscar toda produção e assim fazer o ajuste de suas dívidas e receber seu saldo.⁴²

A partir do relatos de nossos entrevistados podemos perceber que no trabalho da juta toda família se dedicava a labuta diária com o cultivo da fibra, mas verificamos que há uma divisão sexual em relação a época de plantio da semente, pois neste momento as mulheres se ausentavam para realizar o plantio de outras culturas importantes para o consumo de sua família, mas este produtos agrícolas como o milho, macaxeira, hortaliças e leguminosas não tinham tanto valor comercial como a juta e outros produtos como o cacau, o tabaco, o peixe a qual os homens se dedicavam.

Para as autoras Hildete Pereira de Melo e Débora Thomé, a formação social moderna engendrou a noção de que os homens são os provedores do ganha pão, sendo assim produtores de mercadorias e seu trabalho valorizado comercialmente e financeiramente. As mulheres coube a responsabilidade da reprodução da família, o serviço de subsistência familiar, um trabalho desvalorizado, mas estas atividades exercidas por estas mulheres contribuem diretamente para o bem estar socioeconômico. (MELO; THOMÉ. p. 111. 2018)

A partir dos relatos de dona Josefina sobre o trabalho da juta em sua adolescência, podemos verificar uma divisão de trabalho entre as mulheres, pois nossa entrevistada apresenta a diferença do seu trabalho na juta e o trabalho realizado pela sua irmã Inês Pereira Marques.⁴³

Todos nós trabalhávamos na juta, era eu, a Lindalva, a comadre Sigica, a comadre Inês não, ela era só de ficar em casa, porque tinha que ter alguém pra ficar em casa, pra cuidar e vigiar a casa, pra fazer a comida. Nós saíamos cedo pro roçado e quando sol estava quente, meio dia nós voltávamos pra almoçar e o almoço já estava pronto que a Inês ficou fazendo.

Ela dava conta de tudo, das coisas da casa, das criação, das galinhas, dos porcos, de fazer o almoço, a merenda quando a gente voltava daquelas horas da tarde quando o sol já tava sumindo, nós chegava já tava tudo pronto. No trabalho da juta ela não ajudava, quando o trabalho era grande não, ela ajudava a gente quando era pra cuidar das plantaço, da couve, do tomate, do pimentão e tudo essas plantaço pra nosso consumo que não precisava tá todo dia e o

⁴¹ COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am.

⁴² *Idem.*

⁴³ *Idem.*

dia todo.

A Inês era da casa, da cozinha mesmo, o negócio dela era da comida, ela fazia comida boa e era comida grande, aqueles tachos de feijão da praia que a gente plantava, assava e cozinhava aqueles tambaqui grande, era só deixar pra ela que ela tomava de conta e na hora de comer tava tudo do jeito mesmo. A Inês não era do pesado, nós que ia, acho que por isso que nós não aprendemos costurar e cozinhar as comidas boas como ela.⁴⁴

Dona Cacilda Viana também nos revela esta divisão em seus relatos, pois nos conta que sua filha mais velha, teve de ficar em casa cuidando de seus irmãos mais novos, cuidando da casa e preparando a alimentação de seus pais, irmãos e irmãs que iam para a labuta da juta.⁴⁵ Este fato nos faz refletir também sobre como esta prática se fazia recorrente entre as adolescentes mais velhas das famílias que trabalhavam na juta, fazendo assim com que esta menina assumisse a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos e ser dona de casa.

Sueli Carneiro, em seu texto “Mulheres em Movimento”, discute sobre essas diferenças e desigualdades no universo feminino, ressaltando a pluralidade de identidades femininas (CARNEIRO, 2003). Essas diferenças podem ser verificadas nas narrativas de dona Josefina ao narrar seu trabalho na agricultura e de sua irmã no trabalho doméstico.

O (NÃO) LUGAR DA MULHER NO SISTEMA COMERCIAL DA JUTA

Segundo Arenilton M. Serrão (2018), o sistema de aviamento que se configura na Amazônia a partir do ciclo da borracha, ultrapassou os limites do extrativismo e reforçou-se também na agricultura e nas demais relações de troca entre camponeses e pequenos comerciantes. A área de várzea de Urucará, devido sua localização geográfica, no Médio Rio Amazonas e com a crescente valorização da juta, criou uma articulada rede de agentes comerciais que a partir do sistema de aviamento mantinha relações comerciais com os ribeirinhos, casas aviadoras da capital e principalmente com grandes comerciantes de Parintins, devido a consolidação de indústria manufatureira da fibra neste município.⁴⁶

Entendendo que o aviamento era uma prática comercial, no qual a partir deles o ribeirinho se inseria na lógica do capital, sendo esta uma prática de relação pública. Procuramos refletir sobre o papel do homem na esfera pública de uma sociedade moderna. A autora Elizete

⁴⁴COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am.

⁴⁵SOUZA, Cacilda Vianna. [06 de Junho. 2017]]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Santa Luzia, Urucará- Am;

⁴⁶SERRÃO, Arenilton Monteiro. *Colônias agrícolas e campesinato: raízes de uma territorialidade no Médio Rio Amazonas, Município de Urucará-Am/* Arenilton Monteiro Serrão. 2018

Silva Passos, argumenta que “o público é tudo aquilo que deve ser mostrado, que possui valor, independente da época ou situação. É através dele que os indivíduos se eternizam e transcendem. Enquanto que o privado identifica-se com que não deve ser iluminado, precisa ser protegido, escondido guardado (PASSOS, p. 25. 2001)

Sendo assim, as atividades administrativas, comerciais e que envolvessem racionalidade e lógica, poderiam ser considerados espaços público com atividades exercidas por homens e a esfera privada, seria assim o espaço do lar, pertencente a mulher a qual seria a provedora desse ambiente e carregada por anseios emotivos a qual a impossibilitava sua inserção na esfera pública (PASSOS, 2001)

Dona Josefina Pereira nos relata como se configurava o sistema comercial da juta, também conhecido como aviamento. O agricultor para cultivar esta fibra realizava um financiamento com o patrão. O patrão da juta geralmente era um importante comerciante local que abria um crediário para os agricultores, lhes fornecendo as sementes da juta, instrumentos para o trabalho e utensílios domésticos, produtos alimentícios, de higiene, medicamentos e até mesmo vestuário.⁴⁷

O agricultor dava como garantia toda sua produção de juta para o patrão. Ao término da colheita da juta, o agricultor que já havia contraído as dívidas e assumido compromisso com o comerciante, entregava toda sua safra como pagamento. Se a quantidade de fardos fossem maior que o total de seu débito, o agricultor recebia seu saldo. Algumas vezes a produção só dava para pagar a dívida e na pior das colheitas o julticultor não conseguia saldar seu débito com a produção da juta.⁴⁸

Este sistema de comércio baseava-se numa rede de fidelidade comercial e patronato, do qual o agricultor só poderia comprar de seu patrão e vender seus produtos somente para ele, ou quando o mesmo não tinha o produto que seu credor necessitava ou não conseguia comprar toda safra excedente da dívida, o patrão indicava outro comerciante a qual este mantinha negócios.⁴⁹

O crediário com o patrão geralmente se dava por indicação de amizade ou familiar, como relata o agricultor aposentado Eduardo de Castro Vianna, que tinha oitenta e dois anos quando realizamos a entrevistas, nasceu em 07 de Julho de 1934 no município de Urucará, onde

⁴⁷COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am.

⁴⁸ *Idem.*

⁴⁹ *Idem.*

creceu e trabalhou no cultivo da juta, quando este produto ainda se encontrava em alta⁵⁰.

Eu tinha crediário lá no meu patrão seu Celso⁵¹, era só pra ele que eu vendia minha juta, era ele que fornecia minha semente e todas as coisas que eu precisava para minha despesa com a minha família, ele me dava tudo no fiado e depois que eu colhia, eu entregava tudo para ele como pagamento recebia meu saldo. Meu crédito lá com seu Celso eu comecei quando eu casei, que meu pai me levou lá com ele e pediu um crédito pra mim e ele deu. Meu pai já era cliente antigo dele e por isso ele confiava no papai e me deu um crédito também, mas eu mantinha firme com seu Celso e nos nossos negócios, era só com ele meu crédito e minha juta era só dele e eu me virava mesmo na juta pra pagar as conta e não perder a confiança dele, nós tinha que ser homem de palavra no crédito da gente.⁵²

Este sistema de crédito em torno da juta, além de se dar em forma de patronato com quesito de fidelidade e que se iniciava com indicações a partir das relações de amizade e familiares, também apresentava características excludentes da mulher, pois em suma, os homens eram os crediários destes padrões e estes apenas negociavam com os homens, como podemos perceber na fala de dona Josefina.

Eu nem sei dizer quanto que era o quilo da semente da juta por que era meus tios que negociavam e depois que eu casei era meu marido que ia lá comprar, eu não sei nem dizer quantos quilos de semente levava pra uma quitaria de juta. Eu não sei porque quando eu era pequena era meu tio que ia lá com o Badega negociar, era ele que era freguês dele e só ele que negociava, nós não ia com ele negociar não. Quando eu casei era o Bebé que negociava a juta já lá com seu Moraes, ele comprava lá com ele as sementes, ia levar já os fardos ou ia avisar lá no Jurupari⁵³ para seu Badega⁵⁴ vir buscar, tudo essas coisas era só com o Bebé. (Coelho, Josefina Pereira. 78 anos, 2017)

Ainda que as mulheres realizassem os mesmos trabalhos dos homens na juta, no sistema de crediário, no patronato ela não negociava com o patrão. A mulher não seria a responsável por um crédito. O esposo, o pai ou até mesmo um filho poderia ser o responsável pela negociação da juta com o patrão e pelo crédito fornecido, como no caso de dona Josefina que quando vivia com seus avós, eram seus tios quem negociavam, quando casou era seu esposo,

⁵⁰VIANA, Eduardo de Castro. [06 de Junho. 2017]]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Santa Luzia, Urucará- Am

⁵¹ Foi importante comerciante da área rural de Urucará que financiava e comprava juta na área do Paraná do Comprido, pertencente ao município de Urucará.

⁵²VIANA, Eduardo de Castro. [06 de Junho. 2017]]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Santa Luzia, Urucará- Am

⁵³ Comunidade ribeirinha que atualmente pertence ao município de Urucurituba.

⁵⁴ Foi importante comerciante da área rural de Urucará e Urucurituba que financiava e comprava juta e cacau dos ribeirinhos da região.

mas naquele contexto em que se dava o sistema de aviação, a mulher não poderia, sendo esta até uma exigência do patrão, como descreveu seu Eduardo de Castro, ao relembrar o fato de quando teve de se mudar para a sede do município e deixou sua família no interior durante uma colheita de juta.⁵⁵

Eu fui lá com seu Celso falar pra ele que ia mudar pra cidade, mas a mulher e meus filhos iam ficar lá cuidando da juta, das plantação e dos gados, e que era pra ele ceder lá pra eles tudo o que eles precisavam que no fim do trabalho com a juta a gente pagava. Seu Celso pediu para que eu levasse lá meu filho mais velho para negociar com ele e ficar responsável de pegar as coisas, entregar a juta e fazer o ajuste da conta.

Ele pediu que fosse meu filho, o Reginaldo porque tinha que ser um homem, esses negócios era sempre o homem da família que negociava e assim o Reginaldo já ficou responsável pelos negócios e já assumia responsabilidade de homem.⁵⁶

O filho em questão de seu Eduardo que ficou responsável do crediário e que iria negociar com o patrão a safra de juta com as dívidas, na época era apenas um adolescente de 16 anos, mas que na ausência do pai e por exigência do patrão, teve de assumir um compromisso com o comerciante.⁵⁷ Demonstrando assim como naquela sociedade da juta, entre os espaços públicos e privados, determinados papéis como a de negociar, não podia ser exercida por uma mulher e que ao contrário, um homem ainda que menor de idade poderia fazer negócios representando sua família, fazendo assim refletir sobre o (não) lugar da mulher no sistema comercial da juta, sendo esta limitada ao espaço privado, o trabalho somente na lavoura com seus familiares.

AS PERCEPÇÕES DE RUPTURAS E MEMÓRIAS COM O TRABALHO

Nos relatos de dona Josefina Pereira Coelho, 78 anos, agricultora aposentada a qual escolhemos como fio condutor de nossa discussão, podemos elucidar também as suas percepções sobre sua experiência como mulher no trabalho da juta, suas perspectivas em relação a juta em sua adolescência, as rupturas estabelecidas após o casamento e suas memórias com o trabalho⁵⁸.

Nossa entrevistada, nos relata que sua percepção sobre o trabalho da juta é dividida entre

⁵⁵VIANA, Eduardo de Castro. [06 de Junho. 2017]]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Santa Luzia, Urucará- Am.

⁵⁶ *Idem.*

⁵⁷ *Idem.*

⁵⁸COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am.

o tempo de sua adolescência em que vivia com seus avós, tios (as) e irmãos (as), e sua experiência de trabalho após o casamento, quando tornou-se esposa, dona de casa e mãe. Dona Josefina recorda com sentimento de saudades sobre o tempo de sua adolescência e nos diz que apesar de enfrentar um trabalho árduo, este foi o momento de sua vida em que adquiriu conhecimentos sobre o cultivo da juta e das demais práticas agrícolas que realizava.⁵⁹

Iraildes Caldas Torres, em seu Texto “Reflexões sobre o trabalho leve e pesado das mulheres da Amazônia”, discute sobre a importância do trabalho para a constituição da identidade da mulher amazônica das terras de várzea. A autora ressalta que “as mulheres são parte integrante do sistema produtivo, são sujeitos vivos do sistema simbólico do trabalho, o qual é tido como um fator de maturação, status e desenvolvimento social para elas” (TORRES, p. 199)

Dona Josefina nos conta como em sua visão de adolescente o trabalho na juta era gratificante, pois as mesmas enfrentavam duras condições de trabalho, mas se sentia feliz por estar ajudando sua família. A mesma se alegrava ao término da colheita da juta, pois este era o momento em que seus tios iam verificar o saldo e fazer compras para sua família. Eles traziam de seu patrão tecidos de chita que sua mãe costurava vestidos para ela e suas irmãs. O saldo da juta era uma alegria pois seu trabalho era recompensado com roupas, sapatos, perfumes e entre outros, que a mesma só conseguia ter após a safra da juta⁶⁰.

Sobre a divisão de trabalho entre as mulheres das famílias que cultivavam a juta, dona Josefina lamenta o fato de não ter sido a irmã mais velha que ficava em casa cuidando dos afazeres domésticos, a mesma acredita que por não ter esta experiência na adolescência, ela não aprendeu a costurar, a fazer roupas, a bordar e entre outros, que sua irmã mais velha Inês aprendeu. Nossa entrevistada diz ter sido criada para o pesado, o trabalho agrícola enquanto sua irmã mais velha fora educada para o lar⁶¹.

Dona Cacilda Viana de Souza, 77 anos, esposa de seu Eduardo, 82 anos, também nos relata sobre esta mesma percepção em relação à sua adolescência e o trabalho na juta nos fazendo perceber sua visão em relação ao trabalho realizado por ela e sua irmã mais velha⁶².

Eu era do pesado, eu fui a filha do pesado, a Ivanilde era a dona de casa. Às vezes eu queria ficar em casa, mas esse era o trabalho da Ivanilde, quando nós

⁵⁹ COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Uruará- Am.

⁶⁰ *Idem.*

⁶¹ *Idem.*

⁶² SOUZA, Cacilda Vianna. [06 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Santa Luzia, Uruará- Am.

chegava do roçado cansada e queimada de sol, eu queria era saber fazer as coisas de casa pra mim não ir pra juta, mas esse era o trabalho da Ivanilde e ela que sabia fazer bem as coisas de casa que a mamãe ensinou ela.⁶³

Tanto dona Josefina quanto dona Cacilda trazem em seus relatos esta comparação sobre o trabalho realizado por elas e de suas irmãs, que se dedicavam aos afazeres doméstico, e trazem em sua fala o que elas dizem ser, a labuta da juta, o *trabalho pesado* devido ao ambiente e condições em que se dava esta prática agrícola. Iraildes C. Torres (2012) faz uma reflexão sobre trabalho leve e pesado na Amazônia, destacando que o trabalho considerado pesado é aquele que necessita da força física e o leve está relacionado ao trabalho doméstico. Todavia o trabalho doméstico nas áreas de várzea também requer esforço físico. (TORRES, p. 201. 2012)

Sobre as rupturas estabelecidas após o casamento e o tornar-se mãe na experiência de trabalho na juta, dona Josefina nos relata que houve significativas mudanças em sua rotina de agricultora. O casamento e os filhos trouxeram mais responsabilidades e a rotina de trabalho se intensificou, tornando sua visão à respeito da jiticultura como um trabalho de mais sacrifícios, a qual não recorda com boas lembranças.⁶⁴

Depois que casei com o Bebê, ai que eu fui conhecer mesmo trabalho, pra mim era pior, porque nós tínhamos que trabalhar mesmo porque agora nós tínhamos que construir nossas coisas e depois veio os filhos que nós tínhamos que sustentar, não tinha descanso não. Antes de eu casar, eu não tinha responsabilidade com o trabalho, agora eu tinha que ter porque eu tinha filhos que dependia do Bebê e de mim.⁶⁵

Além das responsabilidades com o sustento de seus filhos que viriam do saldo da safra de juta, nossa entrevistada conta que seu trabalho dobrou, pois agora precisava cuidar de sua própria casa, dos seus filhos quando estavam pequenos. A mesma tinha que acordar bem mais cedo de que quando morava com seus pais, pois precisava fazer o café da manhã e deixar o almoço de sua família pronto, cuidar de sua própria horta e conciliar com os cuidados de seus filhos.⁶⁶

Dona Josefina recorda como era dificultoso trabalhar no roçado da juta, no processo de colheita, desfibragem e enfardamento da fibra quando seus filhos ainda eram pequenos, e ela e

⁶³ SOUZA, Cacilda Vianna. [06 de Junho. 2017]]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Santa Luzia, Uruará- Am.

⁶⁴COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Uruará- Am

⁶⁵ *Idem.*

⁶⁶ *Idem.*

seu marido precisavam os levar para a labuta diária com o cultivo desta fibra⁶⁷.

Quando meus filhos eram tudo pequeno e não tinha quem vigiar, eles iam comigo pro roçado, eu trabalhava e vigiava meus filhos, a gente levava uma rede e deixava eles lá, ou quando já tinha uns onze meses e já sentava, nós fazia umas caixinhas igual essas de tomates e levava eles e ficava sentado na caixinha, nós trabalhava e vigiava até a hora de voltar pra casa.⁶⁸

A dupla rotina de trabalho de dona Josefina amenizou depois que suas filhas mais velhas cresceram e precocemente assumiram as responsabilidades domésticas de cuidar da casa e dos irmãos mais novos. Mas, como a mesma relata, apesar de ter alguém em casa cuidando dos irmãos menores a preocupação era grande por saber que morar nas margens do rio Amazonas por si só já representa perigo, principalmente em épocas das grandes enchentes.⁶⁹

Ser mulher na juta era um trabalho de coragem e força, nas palavras de dona Josefina “*era preciso ser mulher de fibra*” para enfrentar a rotina de trabalho, expostas ao sol, ao ambiente úmido e alagado, correr risco de ser atacada por animais ou se cortar, contrair alguma doença devido estar muito tempo molhadas, carregar pesos e aguentar o frio na colheita. Após seu casamento, tinha que conciliar o trabalho diário de cuidar dos seus filhos, da alimentação da família, de sua própria casa e ainda cuidar de outras plantações que se faziam de suma importância para a subsistência de sua família.⁷⁰ O que nos faz perceber que o trabalho pesado para as mulheres é, sobretudo a dupla jornada de suas atividades fora e dentro de casa (TORRES. p. 204. 2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do ciclo econômico em que se configurou a juta na região amazônica, que se caracterizou como formas de trabalho peculiares aos ribeirinhos das áreas de várzeas, devido aos seus conhecimentos sobre o clima da região e por relações comerciais de aviamentos, é uma memória que está constantemente presente em nosso dia-a-dia, filhos de amazonenses que durante tempos de sua vida tiraram seu sustento e de sua família do cultivo na juta.

Por esta constante memória que se faz presente em nosso contexto, buscamos realizar nosso projeto de pesquisa por um viés no qual pudéssemos elucidar outros sujeitos outrora

⁶⁷ COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Uruará- Am

⁶⁸ *Idem.*

⁶⁹ *Idem.*

⁷⁰ *Idem.*

ignorados da História Tradicional, mas presentes nas memórias daqueles que trabalharam na juta. Realizamos assim uma pesquisa em que buscamos abordar a mulher no cultivo da juta, as divisões sexuais no trabalho e no sistema comercial, as percepções destas mulheres sobre o trabalho na juta e as rupturas em sua vida.

A partir de nossa pesquisa, como apresentado nesta discussão textual, podemos perceber como o trabalho da juta, apesar de naquele momento ser um produto que estava sendo valorizado devido à sua procura no mercado, o mesmo era um trabalho árduo e oferecia muitos riscos aos juticultores. A cultura da juta se configurou como uma atividade familiar e no que tange a divisão sexual do trabalho, tanto homens quanto mulheres realizavam a labuta diária no cultivo, além de crianças que precocemente eram inseridas no trabalho.

As mulheres não realizavam apenas algumas atividades para que pudessem estar praticando outra atividade de suma importância para a subsistência de sua família. Percebemos também a divisão de trabalho entre as mulheres, no qual as mulheres da mesma família não realizavam a mesma atividade, umas indo para o cultivo da juta enquanto outras ficavam cuidando da casa e preparando a alimentação dos demais.

Verificamos também a desigualdade em relação ao comércio da juta, o não lugar da mulher no sistema de aviamento, em que esta participava de todo processo na lavoura, mas não negociava com o patrão, não tinha autonomia para tal. Pois nas relações de gênero daquela sociedade, que define o que é feminino e o que é masculino, não é papel da mulher negociar, sendo este limitado apenas ao homem representante da família.

Ao que se refere às percepções destas mulheres sobre o trabalho da juta, a partir de nossas pesquisas, podemos perceber que as mesmas trazem olhares diferenciados sobre sua experiência de trabalho na juventude e após as rupturas de vida com o casamento e a maternidade, nos fazendo perceber quão árduo foi a atividade da juta, mas que estas mulheres estiveram presentes enfrentando o desafio de ser mulher, esposa, mãe e agricultora.

Ressaltamos ainda a importância da contribuição da história oral como metodologia para dar visibilidade e historicizar estes sujeitos postos à margem da história e dos registros, do qual se caracteriza as mulheres que trabalhavam na juta e a importância da categoria Gênero para se analisar estes sujeitos dentro do seu contexto histórico, em uma sociedade patriarcal e não apenas realizar uma História das Mulheres que busca apenas descrever seu trabalho.

FONTES ORAIS

COELHO, Josefina Pereira [04 de Junho. 2017]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Aparecida, Urucará- Am;

SOUZA, Cacilda Vianna. [06 de Junho. 2017]]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Santa Luzia, Urucará- Am;

VIANA, Eduardo de Castro. [06 de Junho. 2017]]. Entrevistadora: Geize Vieira de Almeida, entrevista concedida em sua residência, Bairro de Santa Luzia, Urucará- Am.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes históricas**. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2011;

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992;

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados 17 (49), 2003;

COSTA, Gomes Suely. Gênero e História. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. (Org.) **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003;

DEL PRIORI, Mary. História das Mulheres; As Vozes do Silêncio. In. FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). **Historiografia Brasileira em perspectiva**. 7 ed. 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014;

FERREIRA, Aldenor da Silva. **Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)**. Campinas, SP: [s.n.], 2016;

FERREIRA, Marieta de Moraes. “História Oral: velhas questões, novos desafios”. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012;

MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma História da mulher**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000;

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral: Como pensar, Como fazer/ José Carlos Sebe Meihy, Fábíola Holanda**. - 2 ed.1º reimpressão. - São Paulo: Contexto. 2011;

MELLO, Hildete Pereira de; THOMÉ, Débora. **Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores/ Hildete Pereira de melo, Débora Thomé**. – Rio de Janeiro: FGV editora, 2018;

MOTTA, Marcia Maria Menendes. “História, memória e tempo presente”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro:

Elsevier, 2012;

PASSOS, Elizete Silva. As políticas e os saberes: a construção do gênero nas universidades do Norte e Nordeste e as repercussões nos campos social e político. IN: **Os saberes e os poderes das mulheres: a construção do gênero**/ Mary Ferreira, Maria Luzia Miranda Alvares, Eunice Ferreira dos Santos, organizadoras. - São Luís: EDFMA/ Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Mulher, cidadania e relação de gênero; Salvador: REDOR, 2001.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social: **Estudos Históricos**. - Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212;

RAGO, Margareth. “Trabalho Feminino e Sexualidade”. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das Mulheres do Brasil**. 10. ed., 2º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2013;

SCCOT, Joan. **Gênero: uma Categoria útil para análise Histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. In: S.O.S Corpo. Recife- 1991;

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992;

SERRÃO, Arenilton Monteiro. **Colônias agrícolas e campesinato: raízes de uma territorialidade no Médio Rio Amazonas, Município de Uruará-Am**. 2018;

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In. BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992;

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero**. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 27, nº 54, p. 281-300- 2007;

TORRES, Iraildes Caldas. Reflexões sobre trabalho leve e pesado das mulheres na Amazônia. In. TORRES, Iraildes Caldas. (org.). **O ethos das mulheres da floresta**. – Manaus: Editora Valer/ Fapeam, 2012;

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: Uma História: Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. São Paulo: Hecitec, 1999;